

DEZ 23

EDIÇÃO Nº 01

IDENTIDADES E RACIALIDADES NA MARÉ

CADERNO 1

PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS RACIALIZADAS NA MARÉ

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Identities and racialities in Maré [livro eletrônico] : práticas e experiências racializadas na Maré / organização Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, Pâmela Carvalho ; coordenação Pâmela Carvalho, Geisa Lino ; curadoria Bia Policicchio. -- Rio de Janeiro : Redes da Maré, 2023.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-61382-15-5

1. Artigos - Coletâneas 2. Entrevistas
3. Identidade racial 4. Negros - Brasil - Condições sociais 5. Relações étnico-raciais 6. Sociologia
I. Associação Redes de Desenvolvimento da Maré.
II. Carvalho, Pâmela. III. Lino, Geisa.
IV. Policicchio, Bia.

23-187281

CDD-305.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Negros : Identidade social 305.8

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

A REDES DA MARÉ

A Redes da Maré é uma instituição da sociedade civil que atua na Maré há mais de 20 anos. Seu objetivo principal é contribuir para a efetivação de políticas públicas estruturantes que impactem na qualidade de vida dos mais de 140 mil moradores das 16 favelas que compõem a região.

A criação da Redes da Maré foi resultado de um longo processo de comprometimento dos seus fundadores com o movimento comunitário no conjunto de favelas da Maré e na cidade do Rio de Janeiro. A partir da iniciativa de moradores da Maré que acessaram a universidade e/ou compunham movimentos sociais e comunitários, a instituição iniciou suas ações no território, principalmente pautando o acesso ao direito à educação para todos os moradores da Maré.

As ações, pesquisas e reflexões desenvolvidas pela Redes da Maré ao longo de seu percurso, nos diferentes campos das políticas sociais, pautam-se pelo interesse comum de trabalhar, de forma integrada e abrangente, com temáticas relativas à cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, aos seus espaços populares.

Atualmente, a Redes da Maré busca desenvolver projetos dentro de cinco eixos estruturantes:

- Arte, Cultura, Memórias e Identidades;
- Direitos Urbanos e Socioambientais;
- Educação;
- Direito à Saúde;
- Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça.

E através de equipamentos e projetos transversais:

- Casa das Mulheres da Maré;
- Maré de Notícias – jornal comunitário.

rede^{da}smaré

CASA PRETA DA MARÉ

CASA
PRETA

rede^{da}
smaré

BBW

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

..... 10

1. PERFIS NEGROS NA MARÉ - HELANA EDIR

Entrevista por Marcos Diniz 13

2. SEGUIR O PLANO: NEGRITUDE E O COMBATE À COVID-19

Millena Juliette Teles Moraes Ventura 16

3. FALANDO DE HOMEM PRETO - SILÊNCIOS E VOZES NA MARÉ E NO BRASIL

Carlos André Nascimento 22

4. PERFIS NEGROS NA MARÉ - MESTRE MANOEL

Entrevista por Tiago Blanc..... 30

5. MINAS E MARÉ: ENCONTROS E DESENCONTROS

Rodrigo Almeida 32

6. PERSONAGENS NEGROS EM ESCOLAS DA MARÉ: LUTA, MOBILIZAÇÃO TERRITORIAL E RESISTÊNCIA NA EDUCAÇÃO

David Alves..... 41

7. PERFIS NEGROS NA MARÉ - RODRIGO MARÉ

Entrevista por Tiago Blanc..... 49

8. PERFIS NEGROS NA MARÉ - LUDMYLLA BRAGA

Entrevista por Millena Ventura..... 52

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vinícius Júnior

Figura 2: Vinícius Júnior

Figura 3: Anastácia Livre

Figura 4: A primeira favela do Brasil, o Morro da Favela (hoje, Morro da Providência), Rio de Janeiro.

Figura 5: Palafitas na Maré na década de 1960

Figura 6: Samora Machel

Figura 7: Azoilda Trindade (Tia Zô)

Figura 8: Marielle Franco

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MNU	Movimento Negro Unificado
OMS	Organização Mundial da Saúde
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

Comungando da metodologia de trabalho da Redes da Maré, surge a Casa Preta da Maré, como projeto em 2019 e como espaço físico em 2023. A Casa Preta da Maré é um espaço de formação teórica-metodológica e política para trabalhar as questões étnico-raciais no Conjunto de Favelas da Maré, incidindo politicamente no Rio de Janeiro e no Brasil.

A Casa Preta da Maré tem como objetivo promover a formação de lideranças negras e a conscientização da população sobre o racismo, bem como tecer redes para a formulação e efetivação de políticas públicas voltadas para a população negra. A Casa oferece cursos, oficinas, palestras, debates e outras atividades que abordam temas como a história da negritude no Brasil, o racismo estrutural, a cultura afro-brasileira e a luta antirracista.

Algumas das atividades realizadas pela Casa Preta da Maré incluem:

Cursos e oficinas sobre temas relacionados à negritude, como história da África e do Brasil, cultura afro-brasileira, racismo estrutural e luta antirracista.

Palestras e debates com especialistas em temas relacionados à negritude.

Projetos de pesquisa sobre temas relacionados à negritude.

Ações de conscientização sobre o racismo, como campanhas e eventos públicos.

Assim, a Casa Preta da Maré se articula com a produção de conhecimento protagonizada por pessoas negras e indígenas¹, compreendendo que pautar espaços e materiais voltados para a pesquisa, ensino e reflexão contribui para a reeducação das relações raciais. Dessa forma, o eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades, em especial a Casa Preta da Maré, lança os Cadernos Identidades e Racialidades na Maré. A primeira edição do projeto é composta por três pu-

¹ - Segundo a pesquisa, "Censo 2022 Indígenas: primeiros resultados", o Brasil conta com 1693.535 indígenas no Brasil. Para além de dados demográficos, as populações originárias constroem, direta e indiretamente, ações de incidência e políticas públicas. É impossível discutir a reeducação das relações raciais sem ter no centro do debate as epistemologias e as discussões dos povos originários. Sem a presença de pessoas indígenas e negras, não há avanço político.

blições: Caderno I - Práticas e experiências racializadas na Maré, Caderno II - Os Crias Originais e Caderno III - Dados e Debates sobre a população negra na Maré.

Este primeiro caderno tem como objetivo apresentar artigos em primeira pessoa e entrevistas realizadas por tecedores que participam da equipe da Casa Preta. O convite foi iniciar esses Cadernos a partir da reflexão de intelectuais negros que atuam na Maré e da atuação da Redes da Maré. São reflexões pautadas em práticas de educação, memória, oralidade, mobilização social e processos formativos acerca do combate ao racismo e proposição de epistemologias negras.

**Sejam bem-vindos ao primeiro caderno
"Identidades e Racialidades na Maré".**

Boa leitura!

Pâmela Carvalho e Fernanda Viana



PÂMELA CARVALHO é educadora, historiadora, gestora cultural e pesquisadora ativista das relações raciais e de gênero, possui mestrado em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atuando como coordenadora do eixo “Arte, Cultura, Memórias e Identidades” na Redes da Maré, ela representa a instituição na secretaria executiva do Fórum Permanente

pela Igualdade Racial (FOPIR) e na Coalizão Negra por Direitos. Além disso, desempenha o papel de editora na Revista Amarello e na Fast Company. Pâmela é fundadora do Quilombo Etu, um coletivo dedicado a promover a cultura popular com base em uma perspectiva de educação antirracista. Como conselheira estadual de Políticas Culturais do Rio de Janeiro (Suplente), ela reside no Parque União, no Conjunto de Favelas da Maré.



FERNANDA VIANA ARAUJO, 43 anos, nascida e criada na Nova Holanda, Conjunto de favelas da Maré. Mulher negra, mãe solo de três filhos. Assistente Social de formação, mestranda em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ. Coordenadora da Casa Preta da Maré.

1. PERFIS NEGROS NA MARÉ — HELENA EDIR



ENTREVISTA POR MARCOS DINIZ

Nascido e criado no Parque União, uma das 16 favelas do Conjunto de Favelas da Maré, tenho 37 anos e sou bissexual. Atuo como coordenador do Eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades na Redes da Maré. Sou também ator e co-fundador do Grupo Atiro, um coletivo de teatro composto por jovens moradores da Maré. Possuo formação em Pedagogia pelo Centro Universitário Celso Lisboa e atuo como gestor cultural. Além disso, sou escritor, com mais de 20 textos selecionados em antologias e dois livros de suspense publicados.



QUEM É HELENA EDIR E COMO VEIO PARA A MARÉ?

Helena Edir é uma mulher negra de 73 anos que veio de Minas Gerais para buscar uma nova vida aqui no Rio. Ela chegou à Maré durante um período de muitos mutirões, quando as pessoas se uniam para construir algo juntas. Foi isso que a cativou na Nova Holanda, onde começou ajudando e trabalhando na associação de moradores. Com o tempo, ela se envolveu cada vez mais nas lutas da comunidade. O sonho que tinha de ver as mudanças começar a se realizar e se concretizar.

QUAL A MEMÓRIA MAIS ALEGRE OU FELIZ DESDE QUE VEIO MORAR NA MARÉ?

A memória mais alegre que tem é da conquista de ter a Igreja Católica Sagrada Família, porque quando ela chegou na Nova Holanda, não tinha nem capela; as pessoas celebravam na rua, celebravam no pátio da Escola Nova Holanda e, aos domingos, só tinha uma missa, às vezes uma vez no mês. Na maioria das vezes, a gente tinha que ir lá na Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, no Morro do Timbau. Ela se lembra bem que foi na gestão da Ana Inês que conseguiram o terreno onde fica hoje a Paróquia e, a partir disso, eles pararam de celebrar na rua. Foi uma alegria muito grande; todo mundo celebrou, agradeceu. Todo mundo passou aos sábados e domingos a fazer a fundação da igreja; o Hélio fez o projeto, e era assim, uma festa. Aos

domingos, todo mundo ia para lá; as mulheres faziam a comida, os homens cavavam a sapata, e hoje está ali, essa igreja que é a única igreja católica no estilo vaticano do Rio de Janeiro. Isso dá uma alegria muito grande.

FALE UM POUCO SOBRE MOBILIZAÇÃO NA MARÉ.

As pessoas perguntam a ela como a Redes da Maré consegue mobilizar hoje em dia. Perguntam como a Redes conseguiu mobilizar os moradores na época do Vacina Maré, e Dona Helena responde que já está no nosso histórico, porque desde antigamente se faziam mobilizações. Diz que o importante da mobilização não é só mobilizar, é ter e ver o resultado daquilo que se espera. Porque quando faziam aqueles mutirões, quando realizavam aquelas assembleias até meia-noite, saindo dali um representante, uma pessoa que iria à Light, uma pessoa que iria à CEDAE, e depois voltavam os resultados, isso fazia com que mais pessoas se unissem nas assembleias e mobilizações seguintes. Então, ela acha que é isso que faz com que as pessoas acreditem na mobilização: ver os resultados.

COMO A SENHORA SE SENTE QUANDO PENSA NA SUA TRAJETÓRIA?

Dona Helena se sente realizada porque, ao olhar para trás, consegue ver todas as coisas que coletivamente conseguiram realizar. Ela percebe a importância de falar com as crianças, os jovens e até mesmo outras senhoras. Às vezes, ela se senta na Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto e conta histórias, conseguindo perceber a importância disso, o que lhe proporciona segurança e orgulho.

COMO A SENHORA VÊ A GERAÇÃO ATUAL?

Com uma liberdade. Dona Helena vê que agora as meninas se empoderaram mais facilmente. O cabelo que ela e outras mulheres negras sofreram muito para manter liso, devido à pressão para alisá-lo, ouvindo que tinham nascido com cabelo duro e precisavam usar pente quente, chapinha, pasta e outros produtos, agora permite que qualquer criança se sinta livre para exibir o maior cabelão crespo. Ela percebe que, pelo menos nesse aspecto, as meninas e mulheres negras estão muito empoderadas hoje. Dona Helena vê isso como um grande avanço para as mulheres negras, que agora podem usar o

cabelo da maneira que desejam. E isso, segundo ela, ninguém conseguirá tirar das mulheres dessa geração.

A SENHORA VÊ A MARÉ COM UM LUGAR QUE CARREGA ALGUMA ANCESTRALIDADE AFRICANA?

Dona Helena acha que sim. Ela percebe que essa unidade da qual ela fala no início, de uns ajudarem aos outros, de um dar força ao outro, de que ninguém se cria sozinho e que as pessoas que vieram do mesmo lugar e aqui se aglomeraram, criaram raízes, cria essa ideia de comunidade. Ela dá o exemplo de quando se faziam os mutirões, e diz que às vezes, a mobilização não tinha nada a ver com a rua 4 porque o mutirão era na rua 3, mas todo mundo ia ajudar o outro. Quando iam bater as lajes, todo mundo se juntava e ia fazer a laje daquela pessoa, independente de quem era, então ela acha que isso facilitou com que as pessoas fossem se fortificando. Uma vara sozinha é uma vara, várias varas é um feixe. Isso é ancestralidade.

A CASA PRETA DA MARÉ AGORA TEM UM ESPAÇO FÍSICO, O QUE A SENHORA ESPERA DESSE ESPAÇO?

Ela diz que quer fazer coisas, que quer aprender e estudar muito mais sobre questões raciais, mas que para os jovens ter a Casa Preta da Maré vai ser muito bom, pois ela acredita que esse espaço vai dar a eles uma força, garra, porque ainda tem muitas falas do tipo: “ah não sei o que o negro, olha o seu lugar”, então ela acredita que com as formações que a Casa Preta pode realizar, esses meninos e meninas vão poder ter uma nova visão do mundo. Talvez nem todos vão conseguir fazer todas as atividades, mas se um aprende e passa para o outro que já passa para o outro, as coisas vão mudando. Essa é um pouco da mudança que se espera. Ela diz que foi numa atividade que achou muito interessante as falas dos jovens e ver que eles sabem que têm direitos, que sabem que podem lutar por esses direitos. Formação foi algo que eu não recebi, mas esses jovens estão recebendo e vão poder passar para os seus filhos e que vão passar adiante. Pode levar anos para algumas mudanças, mas vai mudar.

QUE MENSAGEM A SENHORA GOSTARIA DE DEIXAR?

Lute por aquilo que você acredita, porque se eu estou aqui hoje é porque eu não deixei que falas como essa: “ah, você é negra, não vai conseguir”, me impedissem de lutar. Não se pode deixar intimidar, você tem que lutar por aquilo que você acredita. Acho que isso é fundamental, acho que se todos lutassem pelos direitos, pelas coisas que acreditam, acho que o mundo seria bem melhor.

2. SEGUIR O PLANO: NEGRITUDE E O COMBATE À COVID-19



MILLENA JULIETTE TELES MORAES VENTURA

Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela UFRJ, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ). Desde 2018, atua no campo das relações étnico-raciais em espaços formais e não formais de ensino. Além disso, Millena é artista visual e arte-educadora. A partir de 2020, come-

çou a integrar a Frente Cavalcanti, um projeto voltado para facilitar o acesso a direitos para a população do bairro de Cavalcanti. Também é co-fundadora do projeto “Cavalcanti é Preto”, uma iniciativa que busca discutir, de forma artístico-cultural, as origens do bairro da Zona Norte. Atualmente, desempenha o papel de educadora na Casa Preta da Maré, projeto da Redes da Maré. Sua atuação na Casa Preta envolve letramento racial e reeducação das relações raciais.

“A fome também é professora.”

Carolina Maria de Jesus (1963, p. 26)

Quando se pensa em fome, as imagens que geralmente vêm à mente são quase sempre de crianças desnutridas no sul da África, em um ambiente árido, com uma narração ecoando pedidos de ajuda humanitária, normalmente por uma quantia diária ínfima. Ao refletirmos sobre a fome no Brasil, é comum lembrarmos das grandes secas no nordeste, com migrantes caminhando a pé ou em jumentos, segurando trouxas de roupa sobre a cabeça, na companhia de crianças e animais marchando em direção ao sudeste. A ideia de fome é muitas vezes associada a figuras bem demarcadas e com uma cor definida, como aponta bell hooks em “Olhares Negros”. Existe um regime de imagens no qual o corpo negro está inserido e isso tem reverberações na vida dos sujeitos.

Entretanto, os famintos que o país tenta esconder estão ultrapassando as frestas da pobreza extrema, subindo a escada do desenvolvimento e vindo à luz. Os números da fome no Brasil aumentaram

drasticamente: 58,7% dos brasileiros vivem em algum nível de insegurança alimentar², segundo o II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar. Desse percentual, 60% são de pessoas negras. Esse cenário reflete o descaso ocorrido durante a pandemia de coronavírus, espelhando o cenário internacional. A covid-19 foi apresentada como uma doença que não fazia distinção de classe, raça ou outros marcadores sociais da diferença, devido ao seu alto nível de contágio. Apesar disso, os números relativos a mortes, fome e outros impactos secundários da pandemia estavam concentrados em grupos não-brancos.

No entanto, esses números poderiam ter sido mais alarmantes se não fossem as articulações de favelas e periferias, motivadas pela solidariedade local, especialmente a preta. Um exemplo evidente foi a mobilização territorial que ocorreu no Conjunto de 16 Favelas da Maré. Essa mobilização subverteu as ferramentas da necropolítica, evidenciando a precariedade promovida pelas diferentes instâncias do poder público e criando mecanismos de controle de circulação e contágio, por meio das potencialidades encontradas na precariedade. A experiência da Maré não foi a única em termos de mobilização contra a doença. Entretanto, alguns resultados do que ocorreu em um conjunto de favelas que abriga mais de 140 mil moradores e as reverberações disso em outros territórios podem proporcionar um vislumbre da luta pela vida em terras brasileiras.

O CONTEXTO E O CONTÁGIO:

Em 13 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de pandemia devido ao coronavírus e recomendou medidas de distanciamento e isolamento. Os casos de COVID-19 começaram no final do ano de 2019 na China e se espalharam por todos os continentes vertiginosamente. Naquele momento, pouco se sabia sobre a doença e as formas de contaminação, tendo apenas informações de que ela era contraída pelo contato com pessoas doentes, pelo ar e com possibilidade de contágio por contato, além da rápida circulação. Ainda que fosse uma orientação mundial, ela foi gerida de forma distinta conforme o governo de cada país. No Brasil, o Governo Federal, estados e municípios, a princípio, optaram pelo fechamento de instituições de ensino e orientaram, em sua maioria, pelo fechamento de negócios não essenciais.

Mas as medidas não impediram a circulação da doença, naquele mo-

2 - Insegurança alimentar é o fenômeno que afeta pessoas, famílias ou grupos que não têm acesso pleno e permanente a alimentação capaz de manter e garantir suas necessidades. A insegurança é medida em três níveis: insegurança alimentar leve, insegurança alimentar moderada e insegurança alimentar grave.

mento desconhecida, e a necropolítica fez sua primeira vítima no Rio de Janeiro: Cleonice Pereira³, uma empregada doméstica infectada após sua empregadora solicitar seus serviços, mesmo tendo contraído a doença. Cleonice faleceu em Miguel Pereira no dia 17 de março de 2021, aos 63 anos. Seu irmão mencionou em entrevista para o Uol no dia 19 de março de 2021: “A patroa não avisou para ela que achava que estava doente.” Na mesma entrevista, um dos irmãos afirmou: “Ela não era aposentada porque ainda não tinha tempo de contribuição para isso. Mesmo com obesidade, diabetes, hipertensão e infecção urinária, ela continuou trabalhando. Ela precisava do dinheiro.” Segundo os médicos, se soubessem que ela teve contato com alguém contaminado ou com suspeita de contaminação, o protocolo poderia ter sido outro. De acordo com o Ipea (2011), 63% da população negra é dependente do SUS. Cleonice era uma mulher negra.

JOÃO 8:32

Logo após a recomendação de fechamento, o governo federal contrariou as diretrizes da OMS e de outras agências de saúde, adotando uma abordagem favorável à imunidade de rebanho. Nesse período, a doença progredia no estado do Rio, com pouco diálogo entre os poderes. Diante de orientações confusas, hospitais saturados e o avanço da doença, os empreendedores mais vulneráveis experimentaram uma drástica redução nas vendas. Essa situação afetou de maneira significativa aqueles alocados em empregos não suspensos ou atuando como profissionais liberais. Muitos se viram sem escolha a não ser continuar circulando, enfrentando riscos adicionais. Outros, infelizmente, foram demitidos, exacerbando ainda mais a instabilidade econômica e social. A falta de coordenação efetiva entre os poderes e a ausência de suporte claro para os setores mais impactados agravaram os desafios enfrentados pelos empreendedores durante esse período crítico.

Nesse cenário desesperador, diversas organizações já existentes entraram em ação, enquanto simultaneamente surgiam outras iniciativas solidárias. Em comum, todas compartilhavam a determinação de atenuar os impactos do coronavírus em seus territórios. Um exemplo notável ocorreu no Conjunto de favelas da Maré. Conforme

3 - Notícias Uol. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm#:~:text=A%20idade%20avan%C3%A7ada%20e%20os,quadrado%20mais%20valorizado%20do%20pa%C3%ADs>>. Acesso em: 21 junho de 2023

Souza e Silva e Arouca (2021) relatam, as 16 favelas que compõem essa localidade enfrentaram um aumento significativo nos casos, superando a média municipal. Diante desse desafio, qual era o plano? Evitar outras Cleonices, pois eram elas que viviam o precário.

Entretanto, o plano comum às diversas mobilizações só podia ser concretizado por moradores e outros interessados na vida daqueles que residiam nesses espaços. No livro de João, do Novo Testamento da Bíblia, encontramos o versículo: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Apesar de seu teor religioso, compreender a realidade dos moradores foi o que permitiu que cada pedaço das favelas e periferias fosse minuciosamente explorado e ações fossem efetivadas. Harney e Moten (2013) discutem a ideia de criar a partir do precário, construindo um mundo próprio onde a negritude assume sua outra possibilidade de vida. Adotar a perspectiva de que a morte não era uma opção e que o vírus não representava uma oportunidade de equalização da vida significou romper com o curso dos eventos naquele momento, indo além da aceitação passiva da adversidade. Assim, desafiar o status quo significava rejeitar a resignação diante da ameaça iminente, afirmando a vitalidade da comunidade. Nesse contexto, a mobilização se tornou não apenas uma resposta à crise, mas uma afirmação ativa da resistência e da busca por alternativas que transcendessem o deixar morrer.

O caso da Maré ressurge, pois a saída, conforme indicam Harvey e Moten, foi por meio da coletividade, uma frente já conhecida por eles desde a década de 1980. Disputar, ocupar, alimentar, coletivizar, criar. A campanha “A Maré diz não ao coronavírus” foi talvez um dos maiores exemplos disso, ao organizar moradores voluntários, tece-dores⁴ da Redes de Desenvolvimento da Maré, outras organizações presentes no território e setores públicos para impedir que a fome e a morte acontecessem.

A campanha trabalhou com diversas frentes, conforme descrevem Eliana Souza Silva e Luna Arouca no livro “Maré Diz Não ao Coronavírus: a jornada da Redes da Maré por saúde e direitos em meio à pandemia”, de 2021. Foram realizadas ações como distribuição de cestas básicas e itens de higiene, juntamente com o mapeamento do perfil daqueles em situação de insegurança alimentar. Houve também a

⁴ - Forma que são chamados aqueles que trabalham na instituição.

entrega de aparelhos eletrônicos e acesso à internet para o ensino remoto de cerca de 1.000 jovens. Além disso, a campanha englobou atividades culturais realizadas de forma remota, entrega de alimentos para pessoas em situação de rua e distribuição de tickets do restaurante popular. Foram estabelecidos polos de testagem para os moradores, acompanhamento de infectados via telemedicina com entrega de marmitas para os afetados, e a circulação de informações em todo o conjunto de favelas por meio do boletim “De Olho no Corona”, que teve 53 edições.

Buscar evitar a morte dos moradores é, em algum nível, uma utopia negra do futuro, uma vez que 62,1% dos moradores das 16 favelas que compõem a Maré são negros, segundo o censo de 2019. Entretanto, alguns dos serviços não ficaram restritos apenas àqueles que vivem na região. A testagem, por exemplo, foi aberta àqueles que também compartilhavam o objetivo de preservar vidas em outras partes das favelas e periferias do Estado do Rio de Janeiro, da mesma forma que a entrega de alimentos se estendeu a Mangui-nhos.

A FOME É PROFESSORA:

Retornar à frase de Carolina Maria de Jesus nesse contexto é entendê-la como mais do que um manifesto por uma política partidária que seja sensível àqueles que vivem nos chamados “quartos de despejo”. É compreender que um dos direitos fundamentais foi negado sob pretexto de que a culpa era da tentativa de viver no isolamento e, ao mesmo tempo, entender que o isolamento não foi uma opção para muitos.

Na realidade, é compreender a radicalização das ações e das pessoas para impedir o retorno às baixas condições que havíamos deixado para trás. A fome não foi uma professora amiga; foi uma professora que pediu força nos braços para carregar cestas. Foi uma professora que mostrou que para comer era preciso estar vivo, foi a professora que deu nome para as barrigas vazias. A fome foi a professora que uniu pessoas que não se conheciam em um plano. A fome, como professora, assim como outras privações de direitos nos ensinam é que um dia os planos da negritude não serão construídos por meio do trauma, pois mostram, a cada lição, que são possíveis de materializar a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

hooks, bell. **Olhares negros**. São Paulo: Elefante, 2019.

IPEA. **Retrato das Desigualdades de gênero e raça**. 4ª ed., Brasília: Ipea, 2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>>. Acesso em 13 de maio de 2023.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Edição Popular, 1963.

HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. **The undercommons**: fugitive planning & black study. New York: Minor Compositions, 2013.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (REDE PENSSAN). **II VIGISAN** - Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Olhar para a Fome, 2022. Disponível em: <<https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>>. Acesso em 13 de maio de 2023.

REDES DA MARÉ. **Censo populacional da Maré**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/br/publicacoes>>. Acesso em 20 de maio de 2023.

SILVA, Eliana Sousa; AROUCA, Luna. **Maré Diz Não ao Coronavírus**: a jornada da Redes da Maré por saúde e direitos em meio à pandemia. Rio de Janeiro: Mórula, 2021

3. FALANDO DE HOMEM PRETO – SILÊNCIOS E VOZES NA MARÉ E NO BRASIL



CARLOS ANDRÉ NASCIMENTO

Carlos André do Nascimento Silva, 48 anos, nasceu em São Gonçalo, no bairro de Neves, e foi criado em uma vila operária no Barreto, em Niterói. Homem negro e atuante na fé da umbanda desde sempre, é formado em Direito pela Universidade Candido Mendes. Trabalha na Redes da Maré desde 2009 e, atualmente, exerce a função de Coordenador da Casa Preta da Maré.



FIGURA 1. VINÍCIUS JÚNIOR

Fonte: Twitter/Real Madrid

Um certo dia, no Condado de Niterói, testemunhamos uma cena bastante curiosa. Um homem negro, aparentemente com seus 50 anos de idade, escolhia frios e queijos em um setor específico de um supermercado popular na cidade sorriso. O silêncio era quebrado apenas pela música e propaganda do estabelecimento ao fundo. Foi curioso e interessante observar o cliente e a fila formada pelas poucas pessoas que aguardavam sua vez. Este fato despertou mais atenção do que as chamadas em altos decibéis do açougue e sua promoção de chã, patinho e lagarto.

O sujeito era extremamente educado e discreto. Falava baixo e sorria o necessário. Evitava encostar em qualquer pessoa para não incomodar, e quando parecia ameaçar uma suposta aproximação, pedia desculpas antes mesmo de um esbarrão acidental. Suas roupas eram neutras, de cores sóbrias, de forma a não chamar atenção para ele. No entanto, ele fazia mais barulho do que havia planejado para a vida toda. Nos gestos e suspiros de alguns, começamos a perceber que incomodava de maneira insuportável os mais apressados que o aguardavam na fila.

Ninguém ouvia sua voz; apenas sussurros eram emitidos por meio de seus pedidos durante aqueles três rápidos minutos que, para os demais, pareciam ter se estendido por uns três dias.

Em certo momento, ele começou a ficar seriamente incomodado. Talvez tenha percebido que os olhares eram de crítica e reprovação pelo tempo que estava no balcão solicitando presunto, queijo bola e salaminho. Dava para perceber o suor escorrendo e o constrangimento em seus movimentos.

Foi tudo muito rápido. Ele foi atendido rapidamente, apanhou seus pedidos e saiu correndo, como se tivesse cometido um crime naquele local. Toda essa cena nos levou a entender que estávamos diante de uma batalha interna que dizia respeito de um desejo de passar despercebido em todos os lugares. Fazer sempre a coisa muito correta, mesmo que as ações não estejam sob seu controle.

Considero essa aparente passividade e excesso de timidez como um reflexo do acúmulo de situações racistas e vexatórias que pessoas pretas, especialmente homens pretos, enfrentam ao longo de suas trajetórias. E que seus movimentos, desde a primeira infância, são cerceados para que não causem qualquer tipo de impacto duvidoso e chamem o mínimo de atenção.

Boné, gorro, roupas muito coloridas, portar casaco, volume de car-

teira no bolso da frente, reivindicar pelos seus direitos de maneira incisiva, correr para pegar o ônibus, ir à farmácia ou em lojas de departamento para ver as novidades, falar alto ou estar simplesmente de mau humor. Não pode. Tudo isso pode ser muito perigoso.

Este senhor seguiu todos os “protocolos comportamentais” de como um homem negro deve se portar em locais públicos, mesmo que não tenha feito nada de errado ou planejado fazer. Qualquer atitude cotidiana, dentro de uma estrutura racista, ganha uma amplitude, e você pode facilmente ser estigmatizado como ignorante, violento, animal, grotesco ou selvagem. Não obstante, pode ser coercitivamente levado para um distrito policial, ou até mesmo assassinado, ao ser estrangulado por seguranças de um supermercado ou ter um coturno pressionando sua jugular, mesmo em público. Diante desses desafios, muitos homens negros acabam tentando seguir suas vidas “silenciosamente”, pois essa foi uma das estratégias que aprenderam para sobreviver e se defender das atrocidades produzidas pelo racismo. Já outros homens negros, muitas vezes detentores de recursos financeiros robustos e/ou de bom prestígio social, escolheram viver suas vidas em plenitude, defendendo com unhas e dentes sua liberdade e o direito de serem quem quiserem. Há também homens negros que optaram por romper as estruturas, mesmo que em alguns momentos encarem a vida e o racismo, pedindo proteção e orientação aos Orixás. Seguem questionando as tentativas de silenciamento de quem ousa calar a sua voz, independente das cifras em suas contas corrente ou do posto que ocupam na sociedade. Somos plurais, diversos.

No outono do ano de 2023, o tema mais discutido na imprensa mundial foram os episódios de racismo vivenciados pelo jogador brasileiro, natural de São Gonçalo, RJ, Vinícius José Paixão de Oliveira Junior. Atualmente atuando na ponta-esquerda do poderoso time espanhol Real Madrid, Vinícius Júnior, como é conhecido, vinha sofrendo violência e ódio racial por parte das torcidas dos times rivais, ao ponto de exibirem um boneco marrom com a camisa do seu time e seu nome nas costas, pendurado pelo pescoço em uma ponte, simbolizando seu enforcamento e linchamento público. Essa prática infelizmente é muito conhecida por homens negros e remonta à crueldade dos tempos coloniais.

Em mais uma partida do campeonato de futebol espanhol, Vini Jr. foi novamente vítima de racismo por parte dos torcedores no estádio, sendo chamado de macaco e alvo de outras injúrias e ofensas. Essa

violência sofrida gerou dor e revolta em Vinicius, tudo estava sendo registrado e reproduzido ao vivo em milhares de lares no mundo. Vinicius é um dos melhores jogadores de sua geração, atualmente no clube de futebol mais importante do planeta, e possui um salário mensal astronômico e possui um salário mensal astronômico de milhões de reais. Segundo os especialistas em futebol, ele tem uma carreira e talento que o colocam no caminho para se tornar o melhor do mundo em breve e manter esse título por muito tempo.

Por se tratar de um homem negro com tom de pele retinto, nem mesmo o acesso a tanto recurso financeiro e midiático o isentaram de passar ileso pelo crime de racismo. A cor da pele e as características físicas são os fatores determinantes nesse caso, e são experiências como essa que pessoas negras, desde muito jovens, vivenciam ao longo da vida. Diferentemente de outros jogadores negros brasileiros que passaram por situações parecidas ou até piores nos mesmos lugares, Vinicius sempre denunciou as violências que sofreu. Neste exemplo mencionado, presenciamos a ruptura do silêncio que a normalização do racismo impõe, pois ele reagiu. Gritou, reclamou com o juiz da partida, berrou, gesticulou, interrompeu o jogo, aproximou-se da torcida racista e apontou para cada um, encarou nos olhos daquela multidão raivosa e perversa, e chorou de raiva, talvez também por sentir impotência, mesmo após ter reagido.

Na tentativa de calar o atleta, ele foi imobilizado com um mata-leão por um jogador do time adversário e, assustadoramente, recebeu cartão vermelho, sendo expulso da partida, simplesmente por reclamar das agressões e violações que sofria.



FIGURA 2. VINÍCIUS JÚNIOR

Fonte: Jose Breton/Pics Action/NurPhoto/Getty Images.

Possivelmente, devido à atual administração do nosso país ser menos conservadora do que a última gestão em nível nacional e às numerosas denúncias nas redes sociais, o tema se destacou como um dos mais comentados globalmente por uma semana. A Espanha agiu prontamente, prendendo os agressores, fazendo com que o presidente da liga de futebol local se retratasse das críticas que desqualificaram a autodefesa do jogador. Além disso, provocou a mobilização do Ministério Brasileiro da Igualdade Racial, que assinou documentos de compromisso com a ministra Anielle Franco.

Mesmo com toda representatividade e dinheiro na conta corrente, Vini ainda sofre e sofrerá racismo devido à sua cor. Isso é um fato, mas ele não se calou; transformou suas dores em denúncia e deu voz a muitos homens e meninos que ainda hoje pedem desculpas, mesmo sem terem esbarrado acidentalmente em quem quer que seja, como o sujeito no supermercado que contei no início do texto. Entretanto, é importante destacar que, mesmo sofrendo racismo, o fato de ter um lugar de prestígio social e dinheiro é um marcador de diferença na hora do enfrentamento. Por isso, apesar da leitura incisiva sobre o lugar da raça nas estruturas das opressões, é crucial considerar a perspectiva da interseção das opressões, adicionando fatores de classe, território e sexualidade. Isso porque, quanto mais vulneráveis esses homens negros estiverem, maior o cenário de opressão.

O racismo, como sabemos, não é orgânico e muito menos uma doença; ele é um projeto de poder que faz uso de um método bastante antigo e eficaz para a perpetuação desse poder para apenas um grupo social. Ao longo da história de formação da sociedade, certos grupos, personalidades e movimentos escancararam, combateram e provaram que as narrativas criadas por cientistas eugenistas, que defendiam uma ideia supremacista de pureza e superioridade racial materializada na tentativa de branqueamento da população brasileira, ao mesmo tempo em que defendiam a aniquilação de todo traço fenotípico ou cultural de origem negra-africana, faziam parte do mesmo sistema racista que se estabelecia como estratégia para a manutenção do status quo racial supremacista branco.

Os movimentos sociais utilizam até os dias atuais a prática da denúncia, que, em alguns casos de muita repercussão e pressão, se transformaram em leis, e o constante trabalho coletivo contra a discriminação e violências sofridas pelas pessoas pretas e pardas. No entanto, ainda é necessário o chamado “pé na porta”, que é feito com maestria e sabedoria para fazer valer os direitos e garantir uma vida digna e

plena para os seus. Embora haja muito a ser feito e melhorado, não podemos esquecer das lutas daqueles que vieram antes. A força e luta do Movimento Negro e seus representantes foram fundamentais para que hoje pudéssemos estar aqui. Esses esforços coletivos resultaram em ações como a entrada de pessoas pretas nos bancos universitários com a medida reparadora das cotas, a pauta de políticas públicas sociais, a criação do SUS, a Lei 10.639/03 que obriga as escolas de ensino fundamental e médio a ensinarem sobre história e cultura afro-brasileira, a inclusão de mais artistas negros nas telenovelas, filmes e obras artísticas, bem como a promoção da diversidade nas propagandas e nos espaços de trabalho. Tudo isso é resultado da quebra do silêncio e da luta política de décadas.

SILENCIAMENTOS DA HISTÓRIA.

O Rio de Janeiro é a única cidade do mundo que destruiu todo o seu sítio histórico de fundação. É uma região apagada, silenciada. Quem teve a oportunidade de ler sobre a história do Centro dessa cidade sabe que ele exhibe determinada arquitetura hoje por conta de um projeto de higienização e suposta modernização alinhada aos ideais eugenistas supracitados, que colocou o Morro do Castelo (atual região do Castelo), Morro Santo Antônio (atual Avenida Chile e Catedral Metropolitana) e o Morro do Senado (atual região da Praça da Cruz Vermelha) no chão. Na tradução própria e singular deste que vos escreve, a histórica reforma do centro urbano do Rio de Janeiro pode ser lida como a “expulsão da população preta e pobre que, nos anos pós-abolição, não foi beneficiada com terras, educação e outras medidas reparadoras, compensatórias ou qualquer auxílio para recomeçarem suas vidas”.

O projeto do racismo estendeu-se como prática para diversas regiões da cidade ao longo de décadas, onde as governanças de cada época removiam famílias de forma abrupta ou criavam factóides de novas moradias em conjuntos habitacionais ilusórios ou construídos sem a mínima estrutura para a plena ocupação, para convencer a população local, através de propagandas televisivas em algumas épocas mais recentes da história, a sair de suas casas. Com uma pesquisa rápida pelo Google, é possível encontrar informações sobre o Morro do Castelo, por exemplo, e sobre como foram demolidos 460 imóveis e removidos quase 5.000 moradores das vilas, casarões e cortiços. Lê-se em jornais e arquivos daquela época que a desapropriação daquele lugar foi pacífica, aconteceu sem qualquer reclamação ou manifestações por parte da população removida. O que é difícil de acreditar e, na verdade, corrobora com mais uma forma de silenciamento imposta pela mídia hegemônica ao não apresentar o ponto de vista de pessoas afetadas

diretamente, não coincidentemente pessoas vulnerabilizadas e majoritariamente racializadas como negras.

Diante desse quadro, compreende-se que a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro também enfrentou em sua formação populacional os processos de remoção e descaracterização dos registros de sua história original em prol da aspiração de se tornar uma “Europa dos trópicos”, sem a inclusão de indivíduos negros e indígenas, que compunham a maioria da população. Houve processos populares de luta e resistência nesses tempos; no entanto, a história, como uma ferramenta hegemônica de silenciamento, destaca outros heróis e outras batalhas. As histórias dos cinco mil moradores despejados do Morro do Castelo e suas mobilizações e reivindicações para garantir suas moradias e melhores condições de vida, assim como a resistência dos mais de 140 mil moradores do Conjunto das 16 favelas da Maré, originalmente formado a partir de remoções de outras localidades da cidade, são pouco visibilizadas. A própria ocupação da Maré é fundamentada na luta por direitos. Luta e Maré são quase sinônimos, assim como seus moradores, que subvertem suas realidades, quebram os silêncios impostos e caminham surpreendendo a si mesmos, pois não o fazem para que outros vejam, mas para que todos possam testemunhar a vida sendo vivida como a de qualquer outro cidadão desta cidade.

Compreendo que existe uma estrutura de silenciamento contra pessoas estruturalmente vulneráveis. No entanto, é possível destacar as ações de resistência como uma maneira de expressar e reivindicar direitos, rompendo, assim, com essas estruturas. Na Maré, há muitos exemplos de resistência, como a formação de chapas para a eleição da Associação de Moradores, ocupada e gerida por mulheres, e toda insurgência em prol de melhorias, que resultou na criação de um banco monetário próprio e uma cooperativa de construção e fabricação de tijolos para substituir os barracos de madeira. Grupos teatrais recusam-se a abordar apenas as violências do local, insistindo também em falar de amor e apresentar perspectivas diversas sobre espaços e grupos historicamente estigmatizados. Há uma diversidade de pessoas de todas as idades acessando a universidade e apostando em suas iniciativas, um comércio local vibrante e muita música, incluindo samba, funk, forró, brega e rock.

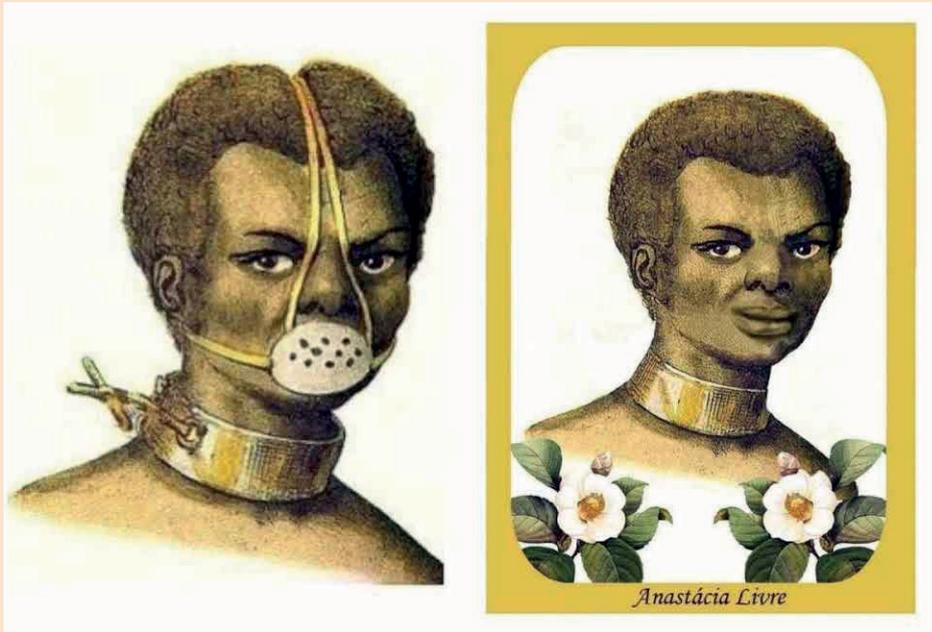


FIGURA 3. ANASTÁCIA LIVRE

Fonte: Étienne - Yhuri Cruz.

À esquerda, o retrato conhecido em 1868, durante exposição feita na Igreja do Rosário, local em que o corpo de Anastácia foi sepultado. À direita, a releitura da mulher livre.

A imagem simbólica de Anastácia sem mordaza representa o constante investimento da máquina para silenciar e oprimir vozes, em prol da manutenção do poder e dos inúmeros privilégios.

Os traumas, as perdas e as dores que carregamos estão sendo curados com fé, sabedoria, mobilização, luta e o passar das gerações. O projeto era nos eliminar, seja fisicamente, nos calando e diminuindo nossa existência o tempo todo. Colocaram e colocam mordazas em nós, mas enquanto eles colocam, nós gritamos forte e juntos para rompê-las, parafraseando o combinado descrito por Conceição Evaristo: "Combinaram de nos *calar*, mas nós combinamos de *gritar* e *existir bem alto*".

4. PERFIS NEGROS NA MARÉ – MESTRE MANOEL



ENTREVISTA POR TIAGO BLANC

Tiago Blanc, 24 anos, nascido e criado na Maré. Educador com formação de professores, estudante de licenciatura em matemática. Atua como educador das relações étnico-raciais a partir de uma perspectiva favelada e racializada.



QUEM É MESTRE MANOEL?

Emanoel Lopes Lima, também conhecido como Mestre Manoel, nasceu e foi criado em Duque de Caxias, Baixada Fluminense. Iniciou sua trajetória na capoeira no mesmo bairro aos 9 anos, jogando com seus amigos. Aos 10 anos, tomou conhecimento de que seu pai era sócio do Center Clube Caxias, onde havia aulas de capoeira, e decidiu participar delas, tornando-se aluno do Mestre Barbosa. Por volta dos 15 anos, percebeu que o que gostaria de praticar não era a capoeira tradicional. Com a saída do Mestre Barbosa do clube, Manoel continuou praticando em seu quintal, organizando rodas de capoeira aos domingos. Aos 18 anos, Mestre Jurandir participou de uma dessas rodas e o apresentou à capoeira de Angola.

QUANDO VOCÊ VEIO PARA A MARÉ?

Mestre Manoel veio para a Maré em 1994, convidado por uma organização do território devido à sua experiência na capoeira Angola e suas vivências na Bahia, onde estava envolvido com o movimento negro baiano. Ele atuou em algumas favelas do conjunto de favelas da Maré, incluindo Baixa do Sapateiro, Vila dos Pinheiros e Nova Holanda.

VOCÊ CONSEGUIU ARTICULAR COM O MOVIMENTO NEGRO AQUI NO RIO?

No Rio em 1995 ele e seus alunos articularam com o MNU (Movimento Negro Unificado) para participar da Marcha Zumbi dos Palmares.

QUAL A SUA MEMÓRIA MAIS FELIZ NA MARÉ?

Mestre Manoel acredita que o momento atual representa a sua memória mais feliz, pois as crianças negras conseguem aceitar seus traços, exibem diversas formas de cabelos e discutem abertamente sobre suas identidades. Ele destaca a importância da Casa Preta da Maré para a comunidade negra local, pois promove o debate racial no território e contribui para a formação de multiplicadores locais.

VOCÊ ACREDITA QUE AS PESSOAS VERIAM O RACISMO DE FORMA DIFERENTE SE HOUVESSE UMA CASA PRETA EM OUTRAS FAVELAS DO TERRITÓRIO?

Manoel acredita que a educação crítica oferecida pela Casa Preta da Maré pode apresentar outras perspectivas de vida aos jovens da favela e auxiliar na construção do pensamento crítico deles, utilizando linguagens próximas à sua realidade. Ele destaca que os debates promovidos pela Casa Preta da Maré também podem ajudar os jovens a reconhecer as diversas faces do racismo presente no cotidiano, contribuindo para a formação de mais multiplicadores.

Mestre Manoel ressalta a importância da capoeira angola como meio de educar os jovens por meio da cultura e do lazer. No entanto, ele destaca a dificuldade de encontrar parceiros para dar continuidade à execução do projeto.

5. MINAS E MARÉ: ENCONTROS E DESENCONTROS



RODRIGO ALMEIDA

Internacionalista, produtor, ativista das relações raciais e pesquisador dos direitos humanos com enfoque internacional. Graduando em Relações Internacionais pela UERJ. Produtor Cultural da “Casa Preta da Maré” na Redes da Maré. Co-fundador da Proxy Jr. Consultoria Internacional - empresa júnior do curso de Relações Internacionais da UERJ. Membro do conselho político da Deputada Estadual Renata Souza. Natural de Juiz de Fora - MG e morador do Conjunto de Favelas da Maré, no Rio de Janeiro.

A compreensão de raça e de território pode ser diferente para cada pessoa, dependendo do local de criação, da família, da educação e do contexto social em que se está inserido, entre outras variáveis. Na definição geral⁵, “território” refere-se a uma “grande extensão de terra; área extensa de terra; torrão”, ou ainda a “área de um país, de um estado, de uma cidade, município etc.”. No entanto, para muitas pessoas, território está associado ao pertencimento, afeto, raízes, ancestralidade e uma ampla gama de possibilidades. Ao buscar a palavra “raça” no dicionário⁶, encontramos a definição como uma “categorização que pretende classificar os seres humanos, pautando-se em caracteres físicos e hereditários”. Mas, ela também pode significar identidade, reconhecimento, entre outros sentidos. Ambas as palavras carregam amplas possibilidades de interpretação, principalmente no contexto social, podendo definir e delimitar muitos caminhos e trajetórias. A relação entre esses dois conceitos - raça e território - é complexa e pode ser analisada sob diferentes aspectos. No Brasil, a questão é ainda mais complexa devido à presença marcante da segregação espacial e da desigualdade racial. Neste texto, iremos analisar brevemente as perspectivas de raça e território em dois locais distintos: Minas Gerais e a Maré, um

⁵ - Dicionário Online de Português (DICIO). Território (Definição). Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/territorio/>>. Acesso em 10 de maio de 2023.

⁶ - Dicionário Online de Português (DICIO). Raça (Definição). Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/raca/>>. Acesso em 10 de maio de 2023.

conjunto de favelas localizado na cidade do Rio de Janeiro, apresentando suas similaridades e diferenças.

Os dois territórios são locais de afeto para o autor que lhes escreve. Nascido e criado na cidade de Juiz de Fora - MG, viveu sua infância pelo interior da Zona da Mata mineira, repleta de muita natureza e felicidade. Filho de mãe preta e pai branco, identificou-se como negro muito cedo e passou toda a vida dividido entre famílias de cores diferentes, mas com costumes muito parecidos. No entanto, essas questões, na verdade, nunca se tornaram problemas. O letramento racial não era uma realidade, e a ignorância se fez dádiva na infância deste menino. Sempre muito estudioso, tinha o sonho de cursar Relações Internacionais para obter mais conhecimento sobre a cultura do mundo. Esse sonho começou a se tornar realidade quando ele se mudou para a Maré no ano de 2018, buscando entrar na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Felizmente, foi aprovado no ano seguinte e assim consolidou sua permanência no território, onde reside até os dias de hoje. A Maré passou a ser sua casa e a fazer parte da história de Rodrigo, que luta por uma realidade de vida mais próspera, tanto pelo menino negro do interior quanto pelo homem negro morador de favela.

Minas Gerais e Rio de Janeiro, estados do sudeste brasileiro, foram profundamente marcados pela escravidão. Ambos receberam uma significativa quantidade de pessoas escravizadas por muitos anos, privadas do direito à vida e à liberdade. Mesmo após a suposta "abolição" da escravidão, as pessoas negras continuaram a ter seus direitos negados. Nesse contexto de exclusão, encontraram-se em um mundo no qual o sistema estabelecido não os representava nem os incluía. Diante disso, comunidades foram sendo formadas com o objetivo de proporcionar ajuda mútua entre esses povos, estabelecendo-se em territórios que, muitas vezes, não eram apropriados para habitação e tampouco de propriedade deles. Esse senso de comunidade deu origem às chamadas favelas no Rio de Janeiro e às comunidades quilombolas em Minas Gerais. Ambos os territórios foram e continuam sendo locais nos quais ocorreu/ocorre uma expressiva concentração da população negra.



FIGURA 4: A PRIMEIRA FAVELA DO BRASIL, O MORRO DA FAVELA (HOJE, MORRO DA PROVIDÊNCIA), RIO DE JANEIRO.

Fonte: Google



PALAFITAS NA MARÉ NA DÉCADA DE 1960

Fonte: Anthony e Elizabeth Leeds

A relação entre raça e território, tal como está estabelecida, é permeada por um histórico de violência e exclusão social que relega a população negra a uma posição subalterna na sociedade. Em Minas Gerais, comunidades negras e quilombolas, originadas da resistência à escravidão, enfrentaram desafios para garantir o acesso a direitos fundamentais, como saúde, educação e moradia. Essa dificuldade persistiu ao longo dos anos, afetando também suas gerações subsequentes. A desigualdade racial se manifesta na concentração de renda e na segregação espacial, forçando essas comunidades a residir em regiões periféricas desprovidas de infraestrutura adequada, contribuindo assim para a exclusão social. Atualmente, Minas Gerais conta com 18 territórios quilombolas titulados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), além de mais de 300 territórios reconhecidos e certificados pela Fundação Palmares, distribuídos por todo o estado mineiro⁷.

Na Maré, a relação entre raça e território é caracterizada por dilemas, desafios e singularidades. Historicamente, algumas favelas do conjunto se formaram no contexto de realocação de pessoas devido a processos de remoção ocorridos em outras partes da cidade. A favela da Nova Holanda, que surgiu a partir desse fenômeno, destaca-se como a favela mais negra da Maré, com 68,6% dos moradores se autodeclarando pretos e pardos (REDES DA MARÉ, 2019). Esses residentes enfrentam estigmas, inclusive de outras favelas do mesmo conjunto, sendo rotulados como “sem futuro”, “má companhia”, “a favela mais feia”, entre outras denominações que não condizem com a realidade. Por outro lado, temos a favela do Parque União, uma das favelas mais brancas da Maré, com 42,1% das pessoas se autodeclarando brancas, onde a condição econômica e concentração de renda são significativamente maiores em comparação à Nova Holanda, e esses estigmas não encontram espaço. Outra relação entre raça e território na Maré pode ser observada na comunidade Angolana, que reside principalmente na favela da Vila dos Pinheiros, também uma das favelas mais negras do território. A predominância da população negra nesse contexto já diz muito. Essas pessoas vivem em um contexto de sonegação de direitos por parte do Estado e estão sujeitas a confrontos armados. A desigualdade racial se manifesta na criminalização da pobreza e na estigmatização dos moradores das favelas, frequentemente vistos como criminosos ou ameaças à segurança pública. A falta de políticas públicas adequadas e a ausência de investimentos públicos na Maré perpetuam a desigualdade racial, contribuindo para a exclusão social e econômica de sua população.

7 - ESTADO DE MINAS. **Conheça os territórios quilombolas existentes em Minas Gerais**. 2023. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/07/31/noticia-diversidade,1538678/conheca-os-territorios-quilombolas-existent-em-minas-gerais.shtml>>. Acesso em 05 de outubro de 2023.

Desse modo, podemos refletir que os territórios majoritariamente negros, como os quilombos⁸ em Minas e as favelas da Maré, são frequentemente retratados como locais perigosos, o que pode resultar em uma leitura enviesada da relação entre raça e território. Historicamente, a presença do racismo, tanto de forma direta quanto indireta, é notável ao se referir a territórios predominantemente negros, como foi o caso histórico dos quilombos, cortiços e até mesmo das primeiras favelas no Rio de Janeiro. A percepção enraizada é a de que quanto mais negro um território é, mais perigoso ele tende a ser.

Minas Gerais e a Maré têm suas populações majoritariamente compostas por pessoas negras (pretas e pardas). A população da Maré é constituída por mais de 140.000 moradores, dos quais 62,1% se autodeclararam negros. Em Minas Gerais, o cenário é bastante semelhante, com uma população total de 20,87 milhões, sendo que 61% se autodeclararam negros. Outros dados relevantes para esta discussão estão presentes nos Censos do IBGE de 2021 e da Maré de 2019, revelando que a distribuição de renda, emprego e acesso à educação apresenta uma drástica diferença entre a população branca e a população negra (pretos e pardos). De acordo com o censo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil” do IBGE em 2021, em Minas Gerais, a renda per capita de uma pessoa negra é de R\$ 1.050, enquanto a da população branca é de R\$ 1.666. Ao considerar os 10% com maiores rendimentos, as pessoas brancas detêm 65,1%, enquanto apenas 34,8% pertencem à população negra. Quando analisamos os dados de renda no Rio de Janeiro, a discrepância é ainda maior, com a renda per capita da população branca atingindo R\$ 2.389, em comparação com R\$ 1.106 para pessoas negras. Os 10% com maiores rendimentos estão distribuídos em 78,5% para pessoas brancas, enquanto apenas 20,9% são representativos da população negra. Os dados de escolaridade da Maré também evidenciam as dificuldades enfrentadas pelas pessoas faveladas para concluir o ensino médio e ingressar na universidade. Segundo o Censo Maré de 2019, apenas 18% da população tem o Ensino Médio Completo, e apenas 0,96% da população concluiu o Ensino Superior, incluindo graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Culturalmente falando, ambos os territórios apresentam algumas similaridades e particularidades. Minas Gerais é reconhecida por sua hospitalidade e calor humano, sendo conhecida pelo costume

8 - ESQUERDA DIÁRIO. **Passado e presente da vida e da luta negra nas Minas Gerais**. 2017. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Passado-e-presente-da-vida-e-da-luta-negra-nas-Minas-Gerais?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter#comentarios>. Acesso em 20 de maio de 2023.

de receber bem os visitantes e conterrâneos, oferecendo comida e bebida típicas da região. Uma similaridade com a Maré é o forte sentimento de comunidade existente no território, no qual os moradores se apoiam mutuamente em situações difíceis e se engajam em atividades coletivas para melhorar a qualidade de vida na região. Nas expressões artísticas, temos a Capoeira na Maré, uma manifestação cultural negra existente no Brasil desde o período imperial, fortemente presente no território, como evidenciado pelo Centro de Cultura Popular Ypiranga de Pastinha, que instrui crianças e adolescentes na arte da capoeira e outras atividades da cultura afrodescendente. Em Minas Gerais, temos a Congada⁹, uma manifestação cultural religiosa de origem afro-brasileira, reconhecida como patrimônio imaterial e cultural em algumas cidades mineiras, como Uberlândia, por exemplo. Ambas são expressões artísticas, sendo uma mais focada na arte corporal, luta e defesa, enquanto a outra é mais centrada na música, respectivamente. A culinária local desempenha um papel importante tanto na cultura mineira quanto na mareense, apresentando suas particularidades. Em Minas, destacam-se comidas típicas tradicionais como pão de queijo, feijão-tropeiro, tutu de feijão, frango ao molho pardo, doce de leite, entre outros. Na Maré, encontramos uma vasta diversidade culinária, com pratos típicos que refletem a diversidade da população, incluindo influências afro-brasileiras e nordestinas. Ambos os territórios celebram suas tradições culinárias como parte integrante de sua identidade cultural.

No âmbito artístico e musical, Minas Gerais preserva tradições de festas populares, como as festas juninas, festas religiosas e exposições agropecuárias, onde o estilo musical predominante é o Sertanejo. Na Maré, os bailes funks desempenham um papel central no cenário musical. O funk carioca é uma parte integral da cultura local, com artistas e grupos surgindo diretamente da comunidade e compartilhando suas experiências e realidades por meio das letras e batidas dançantes. Além do funk, outros gêneros musicais, como samba, hip-hop e rap, também têm uma presença significativa na Maré, enriquecendo a diversidade musical do território.

A cultura desempenha um papel fundamental como fator de afirmação nos cenários mineiro e mareense. A partir dela, ambas as

9 - PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. **Congado de Uberlândia.** Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/tradicoes-culturais-uberlandia/congado-de-uberlandia/#:~:text=0%20Congado%20%C3%A9%20uma%20manifesta%C3%A7%C3%A3o,ainda%20era%20um%20pequeno%20povoado>>. Acesso em 05 de outubro de 2023.

comunidades conseguem reafirmar sua identidade e promover a inclusão social de seu povo. A cultura, a arte e outras formas de expressão cultural possibilitam que esses espaços, majoritariamente negros, possam contar sua história de uma maneira única e serem reconhecidos como as potências que realmente são, contribuindo no desafio de estereótipos e na construção de uma narrativa mais autêntica e representativa de suas experiências.

Infelizmente, a aproximação desses territórios também se manifesta em temas sensíveis, como o racismo ambiental. O Conjunto de Favelas da Maré está situado entre as três principais vias expressas da cidade do Rio de Janeiro (Linha Amarela, Av. Brasil e Linha Vermelha). Esse fator, aliado à escassez de áreas verdes, exerce uma influência direta na saúde dos moradores, tanto pela qualidade do ar quanto pela exposição a altas temperaturas estes territórios ficam sujeitos. Como colocado por Breno Laerte para o jornal Maré Notícias¹⁰, “O ar que respiramos recebe grandes quantidades de gases e partículas líquidas e sólidas, que, apesar de serem bem pequenas, provocam um grande impacto ambiental e põe nossa saúde em risco.”. De acordo com um estudo realizado pela instituição Redes da Maré em 2021, a localização do conjunto de favelas está diretamente associada à qualidade do ar e às mudanças climáticas.

Esses exemplos de poluição do ar são conhecidos como Poluição Atmosférica e estão ligados intimamente com as mudanças climáticas, pois se reduzirmos as poluições no ar, também amenizaremos e estaremos cuidando do clima dentro e fora da nossa favela. Esse ar poluído atinge não só os pulmões, mas pode provocar mortes precocemente. Logo, percebe-se que a situação acarretada pelas mudanças climáticas já exhibe danos severos para os pequenos. De acordo com dados da Redes Maré, em 2018, foram 30 óbitos em crianças de até 5 anos por doenças respiratórias¹¹.

Em Minas Gerais, o racismo ambiental se manifesta de maneira distinta, notadamente nos rompimentos de barragens que causaram mortes, acidentes e desabrigaram milhares de pessoas. O rompimento das barragens localizadas no município de Brumadinho é citado como “um dos maiores desastres socioambientais”, conforme relatado pelo site¹² do Governo de Minas Gerais. Este evento im-

10 - MARÉ NOTÍCIAS. **O impacto da qualidade do ar e as mudanças climáticas na Maré.** 2021. Disponível em: <<https://mareonline.com.br/o-impacto-da-qualidade-do-ar-e-as-mudancas-climaticas-na-mare/>>. Acesso em 05 de outubro de 2023.

11 - Ibid

pactou 26 municípios mineiros, resultando na trágica perda de 272 vidas e no despejo de aproximadamente 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos. Essa situação evidenciou não apenas a dimensão catastrófica dos rompimentos de barragens, mas também destacou como comunidades, frequentemente negras e de baixa renda, são desproporcionalmente afetadas por esses desastres ambientais. Segundo o site,

Além das perdas humanas, o desastre também causou impactos e prejuízos ambientais e socioeconômicos. A vegetação, a fauna e outros rios foram atingidos ao longo de centenas de quilômetros, atravessando o território de mais de 20 municípios e causando um dos maiores desastres socioambientais da história do país.

Dessa maneira, percebo que, apesar das diferenças entre Minas Gerais e a Maré, existem algumas semelhanças na relação entre raça e território nesses espaços. Em ambos os casos, a população negra é vítima de exclusão e desigualdade, com dificuldades de acesso a serviços básicos e sujeita à segregação espacial. Além disso, a presença limitada do Estado contribui para a intensificação dos problemas sociais em ambas as regiões. Em suma, a relação entre raça e território é um tema complexo e multifacetado, que pode ser analisado sob diferentes perspectivas. Em resumo, a relação entre raça e território é um tema complexo e multifacetado, passível de análise sob diferentes perspectivas. Tanto em Minas Gerais quanto na Maré, a desigualdade racial é uma realidade presente, exigindo a implementação de ações concretas por parte do Estado e da sociedade civil para ser enfrentada. É crucial assegurar o acesso a direitos básicos e combater a segregação espacial e a criminalização da pobreza, visando promover a igualdade racial e a justiça social. Esses territórios são atravessados por diversas camadas e marcados pela rica cultura e presença da população negra. Eles oferecem uma leitura profunda do Brasil e refletem a realidade histórica do

12 - GOVERNO DE MINAS GERAIS. **Histórico do rompimento das barragens da Vale na Mina Córrego do Feijão**. 2023. Disponível em: <<https://www.mg.gov.br/pro-brumadinho/pagina/historico-do-rompimento-das-barragens-da-vale-na-mina-corrego-do-feijao>>. Acesso em 05 de outubro de 2023.

país. Territórios como esses não apenas caracterizam, mas também moldam a identidade da nação, merecendo ser reconhecidos e tratados com a devida importância e respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). **Caracterizações da população negra**. In: Informativo FJP. Estudos Populacionais: Mercado de Trabalho. v. 2, n. 12, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2021: Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>>. Acesso em 20 de maio de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022: Panorama**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/panorama>>. Acesso em 05 de outubro de 2023.

REDES DA MARÉ. **Censo Populacional da Maré, 2019**. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/br/info/12/censo-mare>>. Acesso em 25 de maio de 2023.

6. PERSONAGENS NEGROS EM ESCOLAS DA MARÉ: LUTA, MOBILIZAÇÃO TERRITORIAL E RESISTÊNCIA NA EDUCAÇÃO



DAVID ALVES

Homem negro, 30 anos. Cria da Vila do João, uma das favelas que compõem o Conjunto de Favelas da Maré. Ativista pela causa étnico-racial e favelada. Discente no curso de Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela UFRJ, com foco em pesquisar raça e território pensando na formação de políticas públicas para corpos negros e favelados. Pesquisador, arte educador e atuando em mobilização territorial pela Casa Preta da Maré, equipamento da Redes da Maré.

Ao refletir sobre a interseção entre educação e território, é crucial lembrar a história da Maré, que carrega consigo uma trajetória marcada por luta, mobilização territorial e resistência. Esses mecanismos desempenham um papel significativo na construção do Conjunto de Favelas, atravessando gerações de moradores, ativistas e educadores.

Com seus primeiros ocupantes datados na década de 1940, quando ainda era uma região de mangue, as casas de palafitas começaram a surgir na Maré. Durante a era Vargas, em 1946, a construção da Avenida Brasil e das Linhas Amarela e Vermelha atraiu um considerável fluxo migratório, destacando-se a chegada de pessoas provenientes de estados da região nordeste em busca de oportunidades de emprego, renda e moradia. De acordo com relatos de moradores antigos da região, os entulhos provenientes dessas obras soterraram o mangue, e as tábuas trazidas pela maré foram utilizadas para erguer as casas. Essa história reflete não apenas a transformação física do território, mas também o movimento migratório que moldou a demografia e a cultura da Maré ao longo do tempo.

A história das favelas da Maré revela questões cruciais. Em 1962,

durante o governo de Carlos Lacerda, surge a Nova Holanda, inicialmente concebida como um Centro de Habitação Provisória, destinado a ser um local temporário para moradores que enfrentavam o processo de expulsão de favelas como Esqueleto, Praia do Pinto, Morro da Formiga e Morro do Querosene. No entanto, ao longo do tempo, a Nova Holanda transformou-se em moradias permanentes. Esse período marca o início do processo de mobilização e luta por direitos básicos, como habitação, sendo protagonizado pelos moradores que foram deixados à margem dos direitos essenciais para a garantia de sua dignidade. A população da Maré foi impulsionada a se articular politicamente em busca de condições de vida mais dignas, desencadeando um movimento de conscientização e organização com o objetivo de reivindicar seus direitos fundamentais.

É crucial ressaltar as ações de incidência dos moradores da Maré na busca pela efetivação de seus direitos junto ao Estado. Em 2010, as associações das 16 favelas do Conjunto de Favelas da Maré uniram-se e elaboraram um documento que destacava os direitos dos moradores. A educação foi um ponto central desse documento, evidenciando que, com uma população de 140 mil habitantes, a Maré contava apenas com 22 escolas. Esses números indicavam a necessidade urgente de mais espaços educativos. O documento também ressaltou a necessidade de creches e melhorias na qualidade educacional para alunos com deficiência e a oferta de ensino durante o dia para jovens e adultos. Esse conjunto de demandas foi entregue diretamente ao prefeito da época, Eduardo Paes. Entre os anos de 2011 a 2018, como resultado dessas ações e pressões, a Maré viu um aumento significativo no número de escolas, passando de 22 para 46.

Em 17 de novembro de 1986, na Rua Principal s/n.º, na favela Nova Holanda, foi inaugurado o CIEP Presidente Samora Machel. A escola recebeu esse nome em homenagem a Samora Machel, um homem negro e líder político que desempenhou um papel fundamental na luta contra o colonialismo português em Moçambique. Samora Machel foi um dos principais líderes do Movimento de Libertação de Moçambique, que culminou na independência do país.



FIGURA 6: SAMORA MACHEL

Fonte: Site Marxists Internet Archive

Samora Machel assumiu a liderança do FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) em 1970, um partido político que enfrentou as forças coloniais portuguesas por meio de guerrilhas, buscando a independência de Moçambique. Em 1974, Portugal reconheceu a independência do país, e Samora Machel tornou-se o primeiro presidente de Moçambique. Em um momento crucial para a reconstrução da nação, Machel, com seu pensamento revolucionário, implementou políticas socialistas que priorizaram a educação, saúde e a produção rural, visando o desenvolvimento da sociedade moçambicana.

Até a presente data, aproximadamente 9.000 alunos já passaram pelo CIEP Presidente Samora Machel. No ano de 2023, a escola conta com 263 alunos matriculados, incluindo 12 estudantes distribuídos em duas turmas destinadas a alunos com deficiência intelectual. A abrangência educacional da escola atende alunos do 1º ao 6º ano, desempenhando um papel crucial na formação e no desenvolvimento educacional da comunidade.

A escola Samora Machel adota como metodologia a erradicação do analfabetismo no território da Maré. Diante da presença de 36 alunos que fazem parte das estatísticas de não alfabetizados no

Brasil, em 26 de maio de 2023, a escola enviou um documento à Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e à Coordenação de Pedagogia da mesma instituição. Esse gesto reflete o comprometimento da escola com a comunidade e a sociedade local, demonstrando a busca ativa por parcerias e recursos para enfrentar desafios educacionais. A solicitação de universitários para estágio evidencia uma estratégia inovadora para auxiliar no processo educacional e fortalece os laços entre a escola e as instituições de ensino superior em prol do desenvolvimento educacional das crianças mareenses.

AZOILDA LORETTO DA TRINDADE (TIA ZÔ)

Azoilda Trindade, reconhecida como uma intelectual do afeto, dedicou sua vida à construção de uma educação antirracista e acolhedora, pautada na diversidade e singularidade, valorizando cada sujeito. Ela desenvolveu teorias e práticas para o ambiente escolar que viviam uma educação existencial para crianças negras, levando em consideração a pluralidade étnica do território brasileiro. Azoilda Trindade desempenhou um papel fundamental na formação e implementação da Lei 10.639/03, trazendo uma nova perspectiva para o sistema educacional ao destacar a importância da inclusão de conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileira.



FIGURA 7: AZOILDA TRINDADE (TIA ZÔ)

Fonte: Acervo TV Futura

Azoilda também ocupou a função de coordenadora pedagógica no projeto “A Cor da Cultura” do Canal Futura. Sua nomeação foi resultado da indicação por militantes dos movimentos negros e profissionais da educação. O projeto tinha como objetivo central a valorização da cultura afro-brasileira e a promoção da equidade educacional, respeitando as diferenças e a pluralidade. O conhecimento e experiência de Azoilda a levaram ao Conjunto de Favelas da Maré, onde ela proporcionou formações para profissionais e ativistas do campo da educação na região.

O Espaço de Desenvolvimento Infantil Azoilda Trindade, carinhosamente conhecido como Tia Zô, recebeu seu nome, que inicialmente seria em homenagem a um medalhista olímpico, por meio de um movimento da população. Esse movimento, ao conquistar o aumento de instituições escolares na região por meio de seu processo de incidência política, escolheu homenagear Azoilda Loretto Trindade pelo seu engajamento na implementação de um plano de educação antirracista e sua atuação na Maré. A escola foi inaugurada em 2016 e atende crianças de 0 a 6 anos. Localizado no Campus Educacional Maré I, o Espaço de Desenvolvimento Infantil Azoilda Trindade compartilha espaço com as escolas municipais Nova Holanda, Genival Pereira de Albuquerque, Osmar Paiva Camelo, Lino Martins Da Silva, Erpídio Cabral De Souza, Olimpíadas Rio 2016, bem como os espaços de desenvolvimento infantil Maria Amélia Castro e Silva Belfort.

MARIELLE FRANCO

Cria da Maré, Marielle Franco foi uma figura sociológica, política e ativista comprometida. Ela se destacou como uma voz ativa na defesa dos direitos humanos, especialmente dos grupos historicamente marginalizados, como negros, mulheres e pessoas LGBTQIAP+. Sua atuação expressiva a levou a ser eleita vereadora em 2016 na cidade do Rio de Janeiro, representando o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade).



FIGURA 8: MARIELLE FRANCO

Fonte: Google

Sua dedicação incansável na luta por justiça social, igualdade e direitos humanos deixou uma marca indelével. A interrupção trágica de sua trajetória política em março de 2018 foi uma perda significativa, mas seu impacto e influência continuam a inspirar movimentos sociais e ativistas que buscam promover transformações positivas na sociedade. Marielle Franco permanece uma figura emblemática, lembrada por seu compromisso inabalável com a defesa dos direitos e pela busca por um mundo mais justo e igualitário.

O mandato de Marielle Franco foi marcado por intensos embates, especialmente considerando os desafios enfrentados por uma mulher negra ao ocupar um cargo de autoridade. Ela foi uma voz corajosa ao denunciar os abusos cometidos pela polícia do Rio de Janeiro, destacando-se na luta contra as violações de direitos. Sua atuação era caracterizada pela coragem em enfrentar questões delicadas e por seu compromisso inabalável com a defesa dos direitos humanos, tornando-se uma representante ativa na busca por justiça social e igualdade.

O assassinato de Marielle Franco em 14 de março de 2018 foi um evento que chocou o país e teve repercussões significativas. As circunstâncias e motivações por trás do assassinato de Marielle

Franco têm sido objeto de intensa investigação e debates desde então. A população brasileira, assim como a comunidade internacional, desde 2018, levanta perguntas cruciais sobre quem teria motivos para ordenar e executar um crime tão brutal e político. Por que mandaram matar Marielle? Quem mandou matar Marielle?

As investigações sobre o assassinato de Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Gomes, continuam em curso. O caso gerou um clamor por justiça e destacou a necessidade de abordar a violência política, bem como de garantir a proteção de defensores dos direitos humanos. A busca por esclarecimentos e responsabilização no caso Marielle é uma demanda não apenas por justiça para as vítimas, mas também por um compromisso com a defesa dos direitos fundamentais e a promoção da justiça social.

A construção da Escola Municipal Vereadora Marielle Franco foi parte do processo de expansão das unidades escolares na Maré entre os anos de 2011 a 2018, sendo ela a última a ser erguida durante esse período. Assim como outras escolas, inicialmente, seu nome seria o de uma medalhista olímpica, mas por indicação popular da sociedade mareense, foi decidido homenagear Marielle Franco. A escola está localizada na favela Salsa e Merengue, atendendo crianças do 1º ao 5º ano, e foi inaugurada no ano de 2018.

De acordo com o Censo Escolar de 2022, a Escola Municipal Vereadora Marielle Franco possui 527 matrículas, incluindo 7 crianças com deficiência (pcd). Conta com 17 professores que ministram matérias básicas como língua/literatura portuguesa, matemática, história, geografia, ciências e educação física, além de lecionar língua/literatura inglesa. A escola também oferece ensino em artes, dança, teatro, música e artes plásticas como parte de seu currículo pedagógico. Além disso, é destacado que a escola é inclusiva, proporcionando espaços de acessibilidade para crianças com deficiência.

Na Maré, a educação sempre foi uma pauta de extrema importância, contando com a mobilização da sociedade civil, educadores, militantes e ONGs locais que lutam pelo direito a uma educação plural, antirracista, social e acessível. Educadores da região, em colaboração com as unidades escolares, têm desenvolvido diversas pesquisas e se mobilizado para garantir o acesso à educação para as crianças do território. Projetos como o “Curso Pré-Vestibu-

lar” da Redes da Maré, ativo no território desde 1999, possibilitaram o ingresso de mais de 1.200 jovens mareenses em universidades públicas, como Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A campanha “Vamos Pra Escola” de 2023 realizou 320 atendimentos e 134 pré-inscrições nas escolas municipais, contribuindo para a promoção da educação na região.

Na Maré, o direito à educação é uma luta que todos nós lutaremos.

7. PERFIS NEGROS NA MARÉ – RODRIGO MARÉ

ENTREVISTA POR TIAGO BLANC



QUEM É RODRIGO MARÉ E QUAL A SUA TRAJETÓRIA?

Rodrigo Maré, 34 anos, é um músico, ator, arte-educador e pesquisador musical que atua desenvolvendo uma oficina de percussão na Lona Cultural Herbert Vianna há cerca de 8 anos. Nascido e criado na Maré, mais especificamente no Parque Maré e na Nova Holanda, ele cresceu nesse território e sua família ainda reside lá até os dias de hoje.

Rodrigo estudou a maior parte de sua vida na Escola Bahia, uma escola localizada na Maré. Essa experiência permitiu que ele circulasse por diversas favelas na Maré e estudasse teatro, possibilitando a transposição das barreiras invisíveis impostas no território. Ele relata que, por meio da arte, despertou a valorização do espaço escolar e o sentimento de pertencimento.

Aos 16 anos, Rodrigo iniciou seus estudos de percussão na Casa de Cultura da Maré, localizada atualmente onde se encontra o Museu da Maré. Esse espaço permitiu que ele visse suas vivências dentro da favela de outra perspectiva, sendo de suma importância para sua construção social. Mesmo após formar-se na Escola Bahia, Rodrigo retornou para continuar participando da oficina de teatro e montou outro espetáculo.

Rodrigo acredita que, atualmente, as crianças têm mais possibilidades artísticas devido à forma como essas atividades são vistas na sociedade e ao leque de oportunidades oferecido a elas pelas instituições na Maré. No entanto, ele destaca que o poder público poderia fomentar ainda mais essa área.

POR QUE A ESCOLHA PELA PERCUSSÃO?

O início na percussão se deu através da antiga Casa de Cultura da Maré, com o professor Reinaldo Gaia. Ele compreendia a música como uma ferramenta de transformação social e mostrava a possibilidade de criar instrumentos musicais através da reciclagem de sucata, o que fez com que Rodrigo se percebesse como músico cidadão.

Após o fim do projeto, Rodrigo pesquisou outros espaços para estudar música de forma gratuita e Reinaldo o indicou para a oficina MusikFabrik, do educador Spirito Santo, que pesquisava música negra e diaspórica na UERJ. A oficina também trazia a perspectiva de construção de instrumentos, mas voltada para os instrumentos de origem africana presentes na cultura brasileira. Rodrigo permaneceu na oficina por aproximadamente 4 anos, possibilitando-lhe transitar entre diversos espaços culturais na cidade do Rio de Janeiro. Sua trajetória nos projetos sociais na Maré o tornou um sujeito questionador, buscando trazer discussões sobre o acesso a esses espaços, e assim ficou conhecido nesse meio como o “cara da Maré”.

QUE PESSOAS DA MARÉ VOCÊ DESTACA COMO RELEVANTES PARA VOCÊ?

Rodrigo cita o capoeirista Mestre Manoel como uma figura relevante para ele na adolescência, destacando-o por ser um homem negro de pele retinta e dreadlocks, além de sua importância na percussão e na capoeira. Da mesma forma, Rodrigo menciona Bira Carvalho como um amigo e referência artística em relação à musicalidade, ritmo, corpo, cor e poesia. Ele saúda as boas memórias construídas ao lado desse amigo. Essas figuras foram significativas em sua formação e trajetória artística na Maré.

O QUE VOCÊ ESPERA PARA O CENÁRIO CULTURAL/ARTÍSTICO DA MARÉ?

Rodrigo acredita que o cenário musical atual é mais promissor do que antes. Ele destaca que muitas pessoas conseguem produzir suas músicas por meio do celular e utilizam outras ferramentas para inovar e se adaptar. Além disso, ressalta a coragem e persistência como elementos essenciais para alcançar os objetivos no campo musical. Essa visão otimista sugere que, apesar dos desafios, há oportunidades e recursos disponíveis para os artistas explorarem e desenvolverem seu trabalho.

VOCÊ SE VÊ COMO REFERÊNCIA PARA AS CRIANÇAS QUE VOCÊ ENSINA?

Rodrigo acredita que a maneira como ele ensina pode influenciar na formação social das crianças que participam de sua oficina de percussão. Ele aborda temas complexos presentes no cotidiano das crianças de forma lúdica, como segurança pública e educação. Por exemplo, ao discutir segurança pública com as crianças, Rodrigo as estimula a questionar as barreiras invisíveis presentes no território, que muitas vezes impedem que os moradores transitem por diferentes espaços e favelas no conjunto de favelas da Maré.

Além disso, Rodrigo destaca o caso de Larissa Fernandes, que foi aluna de suas oficinas de percussão durante a adolescência e agora trabalha no mesmo espaço que ele, a Lona Cultural Herbert Vianna. Esse exemplo prático demonstra como a educação e as atividades culturais podem impactar positivamente a vida das pessoas, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional.

O QUE VOCÊ, ENQUANTO MORADOR DA MARÉ, ACREDITA QUE A CASA PRETA DA MARÉ PODE REALIZAR NO TERRITÓRIO?

Rodrigo Maré destaca a Casa Preta da Maré como um marco na história do conjunto de favelas da Maré. Ele reconhece esse espaço como um equipamento fundamental para o debate das questões étnico-raciais no território, utilizando a interseccionalidade. A Casa Preta busca trazer essas discussões para os moradores por meio de linguagens que dialogam com suas vivências, tornando-se assim um espaço acolhedor. Essa abordagem reflete a importância de espaços culturais que promovem o diálogo, a reflexão e a valorização da diversidade étnica e racial.

8. PERFIS NEGROS NA MARÉ – LUDMYLLA BRAGA

ENTREVISTA POR MILLENA VENTURA



SE APRESENTE, FALE MAIS SOBRE VOCÊ.

Ludmylla Braga é meu nome, sou uma mulher trans preta da favela, tenho 28 anos e sou mobilizadora da Casa Preta da Maré. Passei dez anos sem estudar e retornei em 2021 para concluir o EJA (Educação de Jovens e Adultos). Neste ano, terminei o ensino médio e pretendo fazer um curso pré-vestibular, além de realizar cursos na área de gastronomia. Meu sonho é cursar Gastronomia, uma paixão que tenho, pois cozinhar é para mim uma forma de transmitir afeto através da comida. Agradeço por ter conseguido um emprego, pois isso me permitiu sair do mundo da prostituição, onde vivi por cerca de cinco anos, enfrentando vários perigos nas ruas. Há algum tempo, fiz aula de street dance, o que foi uma experiência muito divertida.

VOCÊ É NASCIDA E CRIADA NA MARÉ? QUAL A SUA LEMBRANÇA MAIS ANTIGA DA FAVELA?

Sim, sou nascida e criada aqui, são 28 anos de comunidade. Moro na Nova Holanda. Uma das minhas lembranças mais antigas é o “Arraial da Felicidade” que acontecia na Bittencourt Sampaio. Esse evento ocorreu por muitos anos e reunia a comunidade. Era uma quadrilha que atravessou gerações, envolvendo não apenas a minha, mas também a dos meus pais e amigos.

Sinto saudades dessa época! Hoje em dia, infelizmente, não temos mais essa cultura na comunidade. Não há mais quadrilhas nem arraiais como costumava ter. Antigamente, grupos de quadrilha vinham se apresentar. Era muito bom, mas tudo que é bom, infelizmente, dura pouco. Um amigo meu, que já faleceu, poderia ter dado continuidade

a essa cultura. Infelizmente, isso se perdeu, e ficamos sem essa tradição tão importante.

A NOVA HOLANDA, SEGUNDO O CENSO DE 2019, É O TERRITÓRIO MAIS NEGRO DA MARÉ. QUANDO VOCÊ SE PERCEBEU PRETA?

Quando percebi que venho de uma família preta por parte materna e paterna, entendi que pardo já não me descrevia, mas sim, que sou uma mulher preta e favelada cheia de sonhos e objetivos. Acredito no poder do amor e da transformação, e também acredito nos sonhos das pessoas, assim como um dia acreditaram nos meus.

É IMPOSSÍVEL PENSAR EM VIVÊNCIA FAVELADA SEM PENSAR EM RAÇA, MAS TAMBÉM É PRECISO PENSAR QUESTÕES DE GÊNERO. VOCÊ ACHA QUE PESSOAS CIS E PESSOAS TRANS VIVEM A FAVELA DE FORMA DIFERENTE? SE SIM, ME FALA SOBRE COMO É CIRCULAR NESSE ESPAÇO SENDO UMA MULHER TRANS PRETA?

Enfrentar a transfobia e o racismo é uma experiência muito desafiadora. Muitas vezes, ao caminhar pela rua, sou alvo de piadas de alguns indivíduos desrespeitosos. Ouço comentários do tipo “aí, sua mulher!!”, vindos de pessoas que parecem querer provocar confusão. Além disso, ao tentar utilizar um moto táxi, enfrento recusas de atendimento, evidenciando o preconceito em relação à minha pele preta. Alguns mototaxistas agem como se não precisassem de pessoas como eu, ignorando a crise na favela e deixando de reconhecer a necessidade de direitos iguais para todos. Enfrento também olhares de desprezo de outras pessoas, que erroneamente julgam minha presença como algo negativo. No entanto, transformo essas experiências em amor e esperança por um mundo melhor, onde todos e todes tenham direitos iguais.

A MARÉ É UM CONJUNTO DE FAVELAS QUE FICA PRÓXIMO DO CENTRO, MAS TAMBÉM É PRÓXIMO DA BAIXADA, OUTROS BAIRROS DA ZONA NORTE E DA ZONA OESTE. COMO É PARA VOCÊ CIRCULAR PELA CIDADE PARA ALÉM DA MARÉ?

Ah, tenho que enfrentar a diversidade que encontro por aí, pois infelizmente não há para onde fugir. Fora da comunidade, o risco de sofrer racismo e transfobia é ainda maior, podendo até mesmo resultar em ataques ou agressões simplesmente por ser quem sou. Não sinto vergonha de nada, e não tenho medo de buscar minha felicidade e

ter esperança de que um dia isso deixará de acontecer. O perigo está presente em todos os lugares, e se eu deixar o medo de sair da favela me dominar, nunca poderei viver plenamente nem experimentar coisas novas.

VOCÊ FICOU 11 ANOS SEM ESTUDAR. QUAL FOI O PRINCIPAL MOTIVO? O QUE TE FEZ VOLTAR A ESTUDAR?

O motivo para voltar a estudar é que para você ter um bom emprego, precisa ter o ensino médio completo. O fato de eu ter parado meus estudos no segundo ano, por um triz de terminar, também me motivou a retornar. Também tem o motivo que a maioria dos meus primos terminaram, então eu queria dar essa alegria para minha mãe, já que sempre foi o sonho dela que eu terminasse os estudos. Parei de estudar com 16 anos, pois não conseguia conciliar o estudo com trabalho. Estava bem desgastante, e eu já não estava muito a fim de estudar. Porém, depois de um tempo, meus amigos conversaram comigo e me apoiaram, por isso voltei com tudo e terminei meu segundo grau.

VOCÊ TERMINOU RECENTEMENTE O EJA, ACHA QUE A ESCOLA TE ACOLHEU OU TE AFASTOU? O QUE PODEMOS FAZER PARA NÃO EXPULSAR CRIANÇAS TRANS NEGRAS DA ESCOLA?

Não, pelo contrário. Fui super bem recebida! Com alguns alunos, eu já tinha alguma amizade e outras fui fazendo na escola. Fora que tive uma professora maravilhosa, que foi essencial para que eu não desistisse. Já para melhorar essa questão nas escolas, temos que ter colegas que não sejam preconceituosos e professores que sejam tão maravilhosos quanto a minha foi.

VOCÊ É ARTISTA, COMO FOI PRA VOCÊ DESCOBRIR ESSA VEIA? ACHA QUE ESTAR NA MARÉ INFLUENCIOU?

Simplesmente gosto de desafios. Fui chamada para ser figurante no curta “Noite das Estrelas” e depois me chamaram para fazer um outro curta, que fala sobre corpos negros, favelados, LGBTs e a questão do território. O filme se chama “Meu Universo Corpa”. Mesmo com toda vergonha que tenho [risadas], me entreguei e fiz o meu melhor, acreditando nos sonhos dos meus amigos, que sempre me incentivam a estar estudando e a ser alguém na vida. Estar na maré, de uma certa forma, influencia sim, porém, toda oportunidade que aparece para mim, eu me jogo mesmo! Se não for uma área que eu tenha muita expertise, me esforço e me dedico para conseguir um bom resultado.

COMO ESTAR NA CASA PRETA TE FAZ VER A QUESTÃO RACIAL NA FAVELA?

Me ajuda a entender que devemos ter mais espaço na comunidade e que vidas pretas também importam. Juntos podemos fazer um país melhor, com pretos no topo. Mostrar para sociedade que pode sim uma mulher trans ou uma pessoa negra em cargos que só pessoas brancas ocupam. Muitas das vezes não acreditam em nosso potencial [suspiro].

QUAL FUTURO VOCÊ VÊ PARA MULHERES TRANS PRETAS? O QUE A CASA PRETA PODE AJUDAR NISSO?

O futuro que eu vejo é um futuro onde todas as trans tenham seu emprego direitinho, que tenha mais oportunidades no mercado de trabalho! É um futuro sem mulheres trans se prostituindo nas ruas perigosas, onde nossos corpos são marginalizados pela sociedade.

O que a casa preta pode ajudar é que, através das ações como a escola de letramento racial, possa ter algo voltado para que essas mulheres trans tenham um incentivo de sair das ruas.

FICHA TÉCNICA

EQUIPE CASA PRETA DA MARÉ

Organização: Associação Redes de Desenvolvimento da Maré

Acompanhamento Institucional do Eixo Arte, Cultura, Memórias e

Identidades: Eliana Sousa Silva e Maíra Gabriel Anhorn

Coordenação do Eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades: Pâmela Carvalho e Marcos Diniz

Coordenação Casa Preta da Maré: Carlos André Nascimento e Fernanda Viana

Captação de Recursos e Relacionamento Institucional: Maíra Spilak

Gestão Financeira: Sandra Ciqueira

Jurídico: Nubia Alves

Educadora Sênior Casa Preta da Maré: Millena Ventura

Educador Casa Preta da Maré: Tiago Blanc

Mobilizador Casa Preta da Maré: David Alves

Produtor Casa Preta da Maré: Rodrigo Almeida

Secretaria Casa Preta da Maré: Ludmylla Braga

EXPEDIENTE

Organização da Publicação: Pâmela Carvalho

Coordenação Editorial: Pâmela Carvalho

Textos: Carlos André Nascimento, David Alves, Fernanda Viana, Marcos Diniz, Millena Ventura, Pâmela Carvalho, Rodrigo Almeida e Tiago Blanc.

Revisão: Maria Aline Sabino / Negra Saberes

Coordenação do setor Comunicação Institucional: Geisa Lino

Projeto Gráfico: Juliana Barbosa, Thais Oliveira e Adriana Reis

Diagramação: Thais Oliveira

Produção: Bia Policicchio

Fotos: Douglas Lopes

redes da maqré

PATROCÍNIO:



REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

